

Na Produção da Vida: O Andar e o Parar dos Nukak

In the Production of Life: The Walking and Stopping of the Nukak

*Raphael Gouvêa Rompinelli¹ 

Resumo

Fruto de um trabalho de cunho bibliográfico este artigo é resultante de uma pesquisa realizada para a conclusão de uma dissertação de Mestrado. O presente trabalho possui como objetivo central discutir os modos de habitar as florestas dos Nukak. Vivendo na Amazônia Colombiana, no interflúvio do Médio Guaviare e o Alto Inírida, sua língua materna é pertencente ao tronco linguístico Makú-puinave. Abordando esse tema, através de dois eixos temáticos: o caminhar e a produção de alimentos e o do descarte – geração vegetativa. Percebemos que nas práticas cotidianas e nas atividades de descarte e constante mobilizações os Nukak promovem uma transformação da paisagem em que vivem. Ainda, discutimos nas linhas que seguem como um modelo habitacional que prioriza o movimento pode atuar como catalizador das transformações realizadas no ambiente. Por fim, discutimos como a mobilidade é uma forma possível de interação que envolve o habitar e o transformar a floresta, no caso do grupo estudado.

Palavras-chave: Nukak; natureza; cultura; transformação; ambiente; paisagem.

Abstract

The result of a work of biographical nature, this article is the result of a research carried out for the conclusion of a Master's Degree. The present work aims to discuss the ways of inhabiting the Nukak forests. Inhabitants of the Colombian Amazon, in the interfluvium of the Middle Guaviare and the Upper Inírida, their mother tongue belongs to the Makú-puinave linguistic group. In particular, addressing this issue through two thematic axes: planting - food production and disposal - vegetative generation. We realized that through daily practices and disposal activities and constant mobilizations, the Nukak promote a transformation of the landscape in which they live. Furthermore, we discuss in the following lines how a dwelling model that prioritizes movement can act as a catalyst for changes in the environment. Finally, we discuss how mobility is a possible form of interaction that involves inhabiting and transforming the forest, in the case of the studied group.

Keywords: Nukak; nature; culture; transformation; environment; landscape.

¹ Escola Estadual Sebastião Silva Coutinho (Leopoldina, MG, Brasil). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9539-9162>.

1 Introdução

Este artigo objetiva, através da compreensão e abordagem de alguns aspectos da realidade social dos Nukak, perceber e desenvolver como os seus modos de habitar a floresta produzem, além de suas vidas, um conjunto de transformações ambientais que colaboram para o desenvolvimento de suas próprias vidas.

As linhas que seguem são desdobramentos de um trabalho teórico com dois eixos temáticos: um que visa o caminhar e sua relação com a produção de alimentos, e o do descarte-geração vegetativa. Esses dois tópicos, abordam caminhos dissertativos próprios. O primeiro deles aborda a relação existente entre a produção material da vida e determinados aspectos sociais que priorizam um modelo de atuação específica com o ambiente. O outro eixo temático visa compreender como algumas maneiras específicas de descartar o que não foi aproveitado, na relação plantio-produção, pode ser percebida como um mecanismo que influencia e fomenta uma nova geração florística.

Seguindo o mesmo caminho metodológico, as futuras linhas são provenientes de um trabalho de cunho bibliográfico. Como tal, foi realizado tanto uma busca envolvendo leituras de etnografias sobre o grupo em tela, quanto estudos que focam nas atuações possíveis entre grupos indígenas e suas relações com o ambiente. No mais, com o intuito de abordar esses aspectos, será necessária uma breve introdução da realidade etnográfica dos Nukak, em especial as práticas que estão diretamente relacionadas ao objeto deste artigo.

Os Nurak são habitantes da Amazônia colombiana, localizados no interflúvio do Médio Guaviare e do Alto Inírida, sua língua materna é reconhecida como sendo pertencente ao tronco linguístico Makú-puinave. Eles são exímios conhecedores da floresta em que habitam e talvez seja essa a permissiva qualidade que corrobora seu estilo de vida extremamente móvel.

A população Nukak, segundo dados mais recente obtidos, não é uma população extremamente grande, contando com 1.080 pessoa que se auto reconhecem como pertencentes a esse grupo identitário, dentre os quais 53% são homens (572 pessoas) e 47% são mulheres (508 pessoas). Falantes de uma língua Makú-Puinave, com uma proximidade linguística compartilhado com os Kakua do Vaupés (ORGANIZACIÓN NACIONAL INDÍGENA DE COLÔMBIA, [2022]).

A região por eles ocupada é uma área de floresta densa caracterizada por seu clima tropical húmido e uma curta estação seca. Essa informação é demasiado importante porque, como veremos à frente, as estações do ano influenciam o modelo de habitação e o modo como os Nukak se organizam socialmente.

No que diz respeito à organização sociopolítica dos Nukak, segundo Mahecha Rubio *et al.* (1998), pode-se distinguir duas unidades básicas: os grupos domésticos e os grupos locais. Os grupos domésticos estão formados por um casal, com seus filhos solteiros e podem abrigar parentes solteiros e/ou viúvos de qualquer um dos cônjuges. Estes grupos são a unidade base de produção e consumo, podendo, quando necessário, separarem-se dos grupos locais.

Os grupos locais são as unidades residenciais e estão conformados por vários grupos domésticos, contendo entre nove e cinquenta pessoas. Estes também, segundo os autores, são as unidades de reprodução social e cultural, e se encontram em uma

dinâmica mais ampla, ora tendo um grande número de pessoas, ora perdendo temporariamente membros, por motivos como a busca de alimentos, a celebração de rituais, visita de parentes, dentre outros. Assim existe uma dinâmica de agregação e perda de membros, de acordo com as ocorrências da vida cotidiana.

Essa forma de organização sociopolítica, está diretamente vinculada ao modo como se organizam em determinados períodos do ano. Sendo que dependendo da estação eles podem se encontrar mais dispersos em seu território e em outras mais próximos.

Segundo Politis (1999), o período chuvoso é moderado por uma estação seca que, devido à sua temperatura média relativamente alta, tem efeitos notórios na estrutura da floresta, ora causando períodos de alagamentos devido às cheias dos rios e afluentes, ora provocando períodos de pouca chuva. Durante a maior parte do ano a precipitação é abundante, produzindo uma estação chuvosa (ou inverno) entre abril e meados de novembro, com apogeu entre junho e agosto.

Como reconhece o autor, existe um padrão estável de mobilidade realizado de acordo com as estações do ano. Durante seu trabalho de campo, Politis (1999) percebeu que, no inverno, a distância média percorrida entre os campos ou as áreas que irão construir um novo acampamento era de 3,85 km e a ocupação média do grupo em determinada área era de cinco dias. Já durante o verão, as distâncias entre os campos residenciais revelaram um padrão com uma distância média de 8,94 km e uma ocupação média de três dias em cada campo.

Dessa forma, no padrão de mobilidade na estação das chuvas, percebe-se que as pessoas permanecem mais tempo em cada acampamento residencial e percorrem distâncias mais curtas entre os campos, enquanto na estação seca ocupam um acampamento por um tempo mais curto, deslocando-se por distâncias mais longas.

Os Nukak, defende Politis (2007), têm uma dieta bem balanceada e variada e não existe nada que possa evitar um acampamento de longa duração ou uma grande densidade populacional em um mesmo acampamento. Segundo o autor, devido a basicamente duas práticas específicas, eles conseguem permanecer, se necessário, em determinada área por um prolongado tempo. Assim, eles poderiam permanecer em determinada área por um longo período, reduzindo o tempo, o esforço e os riscos necessários para o deslocamento, para a construção de uma nova habitação. Então por que não permanecer?

Inicialmente temos que perceber que a mobilidade não se configura como um ato impulsionado pela subsistência, pela busca de alimentos. Na verdade, como Politis (1996) emprega, os movimentos residenciais são realizados bem antes que qualquer esgotamento de recursos seja observado. A mobilidade não advém da sobre-exploração de uma determinada área, muitas vezes o grupo se movimenta enquanto os recursos em um determinado local ainda são abundantes.

Outra prática reconhecida é a movimentação Nukak, consequência de uma estratégia sofisticada de manejo e uso dos recursos florestais: o corte de algumas árvores para o favorecimento de outras, a seleção de algumas espécies específicas, o incentivo de determinadas plantas de usos constantes em detrimento daquelas não tão utilizadas, o retorno a locais anteriormente habitados, dentre outras práticas. Isso pode significar que espécies se tornam concentradas em determinados setores das florestas e, nesse sentido, são reconhecidas por favorecerem um determinado modelo de habitação.

A busca e produção de alimentos Nukak consiste na coleta de espécies de plantas selvagens e manipuladas, buscadas diariamente em uma distância de uma hora ou duas de caminhada do local de habitação temporária. Durante a estação chuvosa, é incluído as larvas (*mojojoy*) das palmeiras e, durante a estação da seca, a pesca com venenos e a coleta de mel são de grande contribuição para a sua dieta.

Ainda, nota-se, segundo Politis (1999) que há a construção de três tipos de roças. Há uma que é historicamente praticada, que consiste geralmente de palmeiras de pupunhas (*Bactris gasipaes*). Outra roça um pouco maior, com uma variedade mais ampla de espécies, e tem sua introdução no modo de vida Nukak após o contato com grupos não-indígenas. A última se baseia em uma introdução mais recente, a agricultura de coivara, e que é situada próximo às habitações de grupos não-indígenas com os quais mantém contato mais próximo. Essa última prática é feita por grupos Nukak que possuem uma dinâmica habitacional menos móvel.

Percebe-se que o complexo sistema de mobilidade Nukak envolve um investimento nos setores florestais em que eles vivem. Sua atuação cria continuamente uma alta concentração de espécies de plantas, através de maneiras específicas de ocupação: do uso do solo, do descarte de materiais consumidos, do manejo de espécies desejadas e dos padrões de mobilização das pessoas.

Nesse sentido o derivado econômico da constante mobilidade desse grupo produz abundantes áreas de concentração de determinadas plantas. Novas plantas oriundas das antigas moradas abandonadas que, por sua vez, transformam-se em trechos vegetativos selecionados, uma espécie de “pomar silvestre”, que é constantemente revisitado e reproduzido no trilhar dos caminhos Nukak.

O andar demarcado em muitos sentidos pode ser encarado como um modo de habitar que influencia no processo de transformação das paisagens. Essas paisagens podem, no entanto, ser compreendidas como domínios heterogêneos constantemente marcados por discontinuidades a partir das constantes relações entre humanos e outros seres que nelas se desenvolvem.

2 Desenvolvimento

Abordada, brevemente, a compreensão do movimento para a cultura Nukak, é fundamental perceber também a importância das possibilidades de produção da vida material, em especial a produção de alimentos. Há determinadas formas e maneiras de proveito e manejo para a obtenção de suas provisões, como veremos a seguir.

Seguindo a prática de união e dispersão supracitada, que proporciona períodos de maior mobilidade e outros de menor deslocamento. Argumenta-se que o andar é percebido através de um valor social. Cabrera Becerra, Calvo e Mahecha (1999, p. 6) argumentam que: “los Nukak poseen un profundo conocimiento sobre el bosque, los ciclos de las especies vegetales y la reproducción de las especies animales” Os autores ainda narram que esse conhecimento dentre os Nukak é um modo de vida.

Sobre éste se basa la transformación que hacen de los recursos, parte de la cual contribuye a crear condiciones que favorecen la reproducción de ciertas especies y una cualificación de los recursos, generando cambios en la conformación del bosque, lo que les

garantiza una producción del bosque, lo que les garantiza una producción constante, simultánea y variada de alimentos y materias primas aprovechando los diversos microhábitats existentes en el territorio de cada grupo local. (CABRERA BECERRA; CALVO; MAHECHA, 1999, p. 6).

É necessário, assim, um movimento constante que proporciona esse conhecer a floresta em seus pormenores, afinal a prática da coleta, como também a da caça, são instituições altamente valorizadas. Dentre o plantio constante, a horticultura, e a caça/coleta através dos percursos feitos durante os dias, é a captura e o manejo dos produtos na e da floresta que se sobressaem, sendo responsáveis, segundo os autores, por uma grande quantidade de todo o alimento consumido.

Na produção da vida social Nukak a manipulação constante que fazem de algumas espécies vegetais utilizadas corriqueiramente nos mais diversos afazeres, ou ainda através do manejo constante e da dinâmica habitacional, introduziram certas modificações na floresta. Como defendem Cabrera Becerra, Calvo e Mahecha (1999, p. 7), em “sentido estrito não podem ser considerados como agricultura.”

Antes, é necessário lembrar que a Amazônia, como argumenta Albert (2016), não é, ou nunca foi, uma floresta virgem. Na verdade, Balée (1994) afirma que essa floresta é constantemente estudada e transformada por seus habitantes no decorrer do tempo, sendo assim uma floresta construída. Como resultado de toda essa movimentação, percebemos a extraordinária biodiversidade presente nessa floresta, que está de um modo ou outro, interconectada com a história de sua diversidade habitacional.

Dada à alta mobilidade desse grupo, a plantação de roças, que exige um período de longa duração para a produção de alimentos, não é considerada a principal fonte de alimento. A preferência é dada aos alimentos que são colhidos na mata. Todavia, entender a relação dos Nukak com a roça e também com o que trazem da floresta é importante para compreendermos o valor socialmente dado àquilo que em *stricto sensu* não é plantado.

Existem assim, três tipos de roças, aquelas de prática tradicional, utilizadas por muitos anos, aquelas que possuem maior extensão territorial e as últimas que são práticas mais recentes e como próprio autor defende, uma influência de agentes não-indígenas como grupos missionários.

O primeiro tipo, como expõe Politis (2007), é mais tradicional e corresponde à roça pequena que consiste em palmeiras (*Bactris gasipaes*); essa foi e é utilizada por várias gerações, e sua importância, além de econômica e simbólica, consiste no fato de ser onde os mortos são enterrados ao redor, e onde ocorrem eventos importantes.

Mahecha Rubio *et al.* (1998) percebem que tradicionalmente os padrões alimentares dos Nukak se baseiam na caça e coleta, na pescaria e, em menor medida, na horticultura. Até o momento sabe-se que este povo maneja como alimento e/ou fonte de matérias primas 83 espécies vegetais (43 identificadas), 9 de primatas, 7 de outros mamíferos, 2 de répteis, mais de 10 aves, 39 de peixes, 3 batráquios e 2 crustáceos e diversos insetos como 43 espécies de abelhas produtoras de mel e suas larvas, 14 vespas e 16 lagartos.

O segundo tipo de roça ou plantio realizado pelos Nukak, segundo Politis (2007) é uma maior, com uma grande variedade de espécies como: batata doce, bananas, cana de açúcar, pimenta, inhame, mamão, como também outras espécies que foram posteriormente introduzidas com o contato dos grupos não-indígenas. Estas são

geralmente encontrados a poucos quilômetros da fronteira da colonização, mas ainda dentro da floresta tropical, assim o autor apresenta que nesse segundo tipo de cultivo eles incluem uma variedade de espécies que amadurecem em diferentes épocas do ano.

Uma análise das atividades produtivas para a busca e a produção de alimentos realizada por Mahecha Rubio *et al.* (1998) registrou 1871 eventos cuja distribuição ficou sendo da seguinte forma: a coleta de espécies vegetais da floresta ocupa 32,49% (608 eventos); a caça 21,59% (404 eventos); a pesca e outras atividades associadas a ela como a captura de crustáceos e batráquios, representam 18,22% (341 eventos); horticultura 12,61% (236 eventos); a coleta de mel 9,46% (177 eventos) e a coleta de insetos 5,61% (105 eventos).

Por fim, Politis (2007) descreve que o terceiro modelo de horticultura é de data mais recente e é uma adoção clara das práticas de grupos não-indígenas (colonizadores como os autores denominam). É caracterizado por uma grande área de corte e queima, de mais de um hectare, localizadas bem próximas aos acampamentos dos colonizadores, e são usadas por grupos que não são mais tão móveis, ou seja, é praticado pelos grupos que se tornaram “semi sedentários”, tendo a característica de ser menos diversificado.

Apesar desses modelos os autores são enfáticos ao afirmarem que mesmo movimentando espécies domesticadas, parece claro que a economia Nukak ainda se dá em torno do emprego de plantas não domesticadas e animais. Esses, largamente excedem em quantidade e variedade os recursos que são obtidos do cultivo. Como afirma Politis (1996, p. 495-496): “in spite of the use of domesticated species, it seems clear that the Nukak economy still revolves around the exploitation of non-domesticated plants and animals. These greatly exceed in quantity and variety the resources obtained from cultivation.”

O consumo de alimentos pelos Nukak, é necessário chamar atenção, não está ligado única e exclusivamente ao que encontram na floresta. Apesar de ser essa a categoria preferencial de obtenção de alimento e demais necessidades, os Nukak também cultivam roças, ou *chagras*, que, como defende Politis (2007), encontram-se dispersas pela floresta e não concentradas em determinadas áreas.

Assim a mobilidade Nukak pode ser compreendida como uma sofisticada estratégia para o gerenciamento e uso de recursos florestais. Mesmo que existam modificações no fenótipo ou genótipo de uma espécie em particular, elas podem não afetar a sua distribuição natural e, ainda assim, tornarem-se concentradas em certos setores florestais. Coincidentemente, esses setores florestais são áreas anteriormente ocupadas por grupos humanos; no caso em particular, os Nukak.

Steege *et al.* (2013) chamam atenção para um fato curioso: o que Politis compreende como sendo esses “setores florestais”, podem ser compreendidos como sendo determinados locais com plantas hiperdominantes. Ou seja, determinadas áreas são especialmente ricas em plantas de determinadas espécies. Tal concentração se dá especialmente devido a vários fatores; dentre os mais usuais, está à influência humana naquela área.

Essa seria uma concentração que supera em número os demais indivíduos de outras espécies. Como os autores demonstram: “the data suggest that half of all individual trees in southwest Amazonia belong to just 76 species, 50 of which are also hyperdominant species. The same pattern holds for forest types, which are individually dominated by 25 to 195 species.” (STEEGE *et al.*, 2013, p. 5).

Balée (2013) é mais enfático ao afirmar que existe, nesse sentido, uma construção das paisagens e uma transformação das florestas, o que permitiu às pessoas viverem nesse ambiente. Dentre essas transformações, o autor destaca: as florestas de palmeiras, as florestas de castanhais e as florestas de lianas.

Nessas áreas onde há dominância de determinadas plantas em detrimento de outras, existem muitas espécies que são ou foram utilizadas por determinados grupo. Ao longo do tempo, os seres humanos sucessivamente alteraram de modo contundente o ambiente, plantando diretamente, transplantando de uma área a outra e protegendo espécies úteis em relação às espécies inúteis ou nocivas.

Não podemos afirmar se tal fato seja intencional ou não, mas o certo é que os Nukak alteraram seus locais de habitação. Áreas que não existiriam se não fosse pelo constante manejo indígena, paisagens que foram continuamente alteradas e transformadas nessas zonas de maior influência antropogênica. Deve-se levar em consideração a dinâmica de descarte, como narrado acima, incluindo, também, os velhos e novos acampamentos e as roças erguidas próximas aos locais de moradia, que fazem parte de um processo maior que atraem vários dos principais agentes dispersos.

A relação entre humanos e as plantas na Amazônia é longa (CLEMENT, 1999; LEVIS *et al.*, 2018). Poderíamos dizer que um não existe sem a presença do outro e vice-versa. Relações múltiplas são construídas, modificações são produzidas e transformações são realizadas. Longe de ser natural, a biodiversidade presente em territórios indígenas de longa habitação é o resultado de um longo processo de contribuição das culturas ameríndias.

Talvez, como desenvolve Viveiros de Castro (2007), seja impossível conceber uma ideia de ambiente sem pensar em um ambientado. Ainda no campo das possibilidades, o melhor termo para compor este trabalho é o de transformação. De um lado as florestas em que as pessoas vivem claramente fundamentam o modo como elas percebem e interagem com o ambiente, por outro lado as pessoas que vivem dentro das florestas modificam-na, transformam-na em um *locus* habitável e repleto de significados.

De modo geral, seres humanos e não humanos, vivem em um ambiente criado, um ambiente que pressupõe formas de interação, um ambiente físico, natural e social. Essa interação ou a manipulação estratégica de recursos que existe desde um passado imemorial amazônico tem realizado inúmeras vantagens e deve ser considerada como sendo de valor potencial para a humanidade em geral.

Interações complexas entre solos, plantas e pessoas requerem, igualmente, estratégias sofisticadas de manejo e gestão de recursos críticos através de movimentos como: realocação de recursos, atratividade de animais, plantações e transplantações, domesticações, entre inúmeras outras atividades desenvolvidas pelos grupos indígenas, que contribuíram para um alto fator de adaptação e de manejo das florestas.

Longe de se reduzirem a lugares prosaicos provedores de alimentos, defende Descola (1997), a floresta e as áreas destinadas ao cultivo constituem o palco de uma sociabilidade sutil em que, dia após dia, se tornam palco de encontros e desencontros com seres que, assim como os humanos estão dispostos a viverem suas vidas e que entram em uma cadeia complexa de interações. Partindo do princípio que independentemente da vontade ou intencionalidade dos variados grupos indígenas de transformar a composição de suas roças, das matas circundantes ou ainda das paisagens, essas foram transformadas.

2.1 Do Descarte às Possibilidades de Transformação

Outro fator ligado à coleta e ao plantio é o processamento dos alimentos e o posterior descarte. É comum, entre os Nukak nas horas mais quentes do dia, pararem sob a sombra de suas habitações, tanto os adultos quanto as crianças sentam-se nas redes quando estão preparando a comida e/ou comendo. Assim, os resíduos produzidos são lançados e jogados para ambos os lados. Os ossos e/ou as partes não comestíveis das frutas, como também: conchas, sementes, cascas de frutas e assim por diante são descartados, principalmente nessas áreas ao redor dos lares.

Sendo ainda mais enfático, Politis (2007) percebe que ao menos há cinco áreas de constantes atividades em que as dispensas de detritos acontecem. Basicamente, as pessoas podem descartar os resíduos quando estão sentadas frente ao fogo, dentro de suas habitações, restos de comida ou quantidades de alimentos processados caem no chão, nas áreas mais próximas aos fogos.

Em outro momento, algumas sobras ou materiais indesejados são lançados mais para longe das áreas das fogueiras no interior das moradas. Ficam, todavia, depositados nos locais próximos às habitações e às áreas circunvizinhas. Isso ocorre nos momentos do preparo dos alimentos ou mesmo durante o consumo. Nos acampamentos montados na estação chuvosa, como as pessoas se movimentam relativamente menos e estão mais próximas das suas habitações, esses descartes são mais visíveis.

Essa área, em especial, é o interior do campo residencial, local em que algumas atividades são realizadas e de trânsito constante das pessoas. Basicamente compreende-se esse setor como sendo usado pelos adultos e crianças para uma série de atividades menos usuais e são frequentadas com menor intensidade do que aquelas mais próximas às fogueiras.

Outra área de atuação, conforme Politis (2007, p. 135), é mais bem distinguível no período de chuva, reconhecida como a “área central”, onde as crianças brincam, onde ocorre o processamento de algumas comidas e de algumas atividades que envolvem pessoas de vários grupos familiares. Além disso, é um local onde se depositam um estoque de madeiras para utilizarem nas fogueiras domésticas. É também nesse local que ocorrem atividades sociais, como danças.

O quarto local que se pode distinguir como sendo atividades demarcadas e de uso constantes são as entradas e saídas dos locais onde ficam os acampamentos. É uma área que pode ser mais bem definida pelo trânsito diário de pessoas e onde não se deixa resíduo, com muita frequência, pelos caminhos. Nos caminhos, trilhas e locais de constantes passagens, pode ser percebida, segundo o autor, uma ausência de lixo, que é deslocado ou se desintegra sob o tráfego contínuo.

A outra área constantemente usada é aquela que se compreende nas imediações mais próximas aos campos, em um raio de aproximadamente 10 a 15 metros. É uma área pouco explorada pelos adultos. São as crianças que, com mais frequência, a usam através das brincadeiras e os restos que sobram no chão são resultantes dessas atividades infantis. Todavia, em ocasiões específicas ou para realizar determinadas atividades, os adultos, fazem fogueiras e dispensam alguns resíduos resultantes dessas atividades.

O que é interessante ressaltarmos é o valor social desses locais, que apesar de pouco considerados, são constantemente frequentados. Assim, a aglomeração de detritos oriundos dessas atividades cresce rapidamente, provocando no solo uma

profusão de sedimentos que depois serão usados pela floresta como fonte de uma nova geração de plantas. Posteriormente, os grupos humanos e não-humanos que retornarem àquele local se beneficiarão dos antigos sedimentos que se tornaram outra camada de vida.

Pode-se notar que esse modo particular de descarte dos materiais não utilizados, assim como expõe Mahecha Rubio *et al.* (1998), esse *modus* habitacional que propõe uma vida nômade, bem como a manipulação constante de materiais vegetais, é de importante valor social e genético, porque favorecem e introduzem modificações na floresta que, de um modo ou de outro, incrementam a oferta de recursos que, estritamente falando, não se pode considerar como sendo agricultura.

Não menos importante é essa relação entre descarte material e as atividades humanas. Politis (2007) nota que, nas duas estações que os Nukak compreendem como sendo o período das chuvas e o da seca, existe um padrão diferente de descarte. Durante a estação das chuvas, basicamente as pessoas descartam do seguinte modo: dentro dos abrigos, nas proximidades imediatas das lareiras; entre as redes e o curso das folhas, que são colocadas sobre a viga central, e que formam o telhado do abrigo; de ambos os lados dos caminhos de entrada ou dos caminhos de saída do local, onde estão as habitações.

De modo geral, as duas primeiras áreas de despejo são aquelas em que a concentração de atividades, como a feitura de alimentos e o preparo de outros afazeres, é mais comum, por serem concentradas nas áreas mais próximas da lareira. Conforme Politis (2007) percebe: “however, the second zone is basically formed by three actions: dropping, tossing from hammocks, and sweeping/raking from around the hearth.” (POLITIS, 2007, p. 138).

A terceira zona é formada por, basicamente, dois tipos de resíduos. O primeiro deles consiste em pedaços maiores de despejos, ramos de plantas sem frutos, objetos quebrados, galhos retorcidos, e assim por diante, compostos basicamente de despejos que são deixados em montes de materiais não mais usados do lado de fora das cabanas e ao lado dos caminhos de entrada e saída.

Com o passar do tempo, esses acúmulos vão aumentando graças às atividades de limpeza nos locais onde estão as moradas. Isso ocorre porque na estação chuvosa, as mulheres limpam alguns setores dos acampamentos e coletam os refugos nesses espaços determinados, onde os despejos já estão sobrepostos. Chega, assim, a se formar um acúmulo de lixo de 6 ou 7 metros de comprimento, de aproximadamente 1 metro de largura. Quanto mais longa a duração da ocupação de uma determinada área, maiores serão as pilhas de acúmulo de dejetos.

Nota-se que existe um padrão de limpeza que possui como epicentro o abrigo em que as pessoas processam seus alimentos, passando para as áreas centrais dos acampamentos. Depois, o refugo é levado para os locais marginais dos acampamentos, preferencialmente atrás das habitações. Paralelo a isso, existem os locais de transição e de constante movimento, que são os caminhos que levam às saídas ou às entradas de onde as pessoas estão estabelecidas, como também os locais que se encontram em uma distância relativamente pequena (como mencionado acima, de 10 a 15 metros), do centro do acampamento.

Essa lógica se dá no período das chuvas, o que não se repete no período da seca, em que os padrões de limpeza e dispersão de produtos se alteram de acordo com a própria dinâmica de habitação dos Nukak. Uma das principais características que

corroboram com essa mudança são os padrões de mobilidade. Segundo Politis (2007), durante a estiagem, as fronteiras se tornam mais difíceis de serem demarcadas, afinal as pessoas se encontram em uma situação de maior dispersão, reduzindo-se a grupos ainda menores, e não se estabelecem com precisão em um determinado local.

Basicamente, podemos compreender o acampamento não mais como contendo aquela sequência delimitada de áreas em que determinadas atividades são marcadamente realizadas. Na verdade, diferencia-se apenas três locais com fronteiras fluidas, e que:

A diffuse line that separates two sectors provides the observable limit. The first sector is around the hammocks and hearths where there is no vegetation, part of the leaf coverage has been removed and patches of bare ground are visible. The second is the area around the camp where there has been far less trampling, plants are still standing, the leaf coverage has not been removed, and there are no bare pieces of ground. The former corresponds to the domestic space and the latter to the periphery. Because there is almost never a course of roof leaves, there is no line of refuse generated to the sides of the hammocks (POLITIS, 2007, p. 143).

Algo marcante durante a estação da seca, é que os resíduos produzidos são distribuídos de outras maneiras. Durante esse período, as ocupações são mais curtas e os limites espaciais dos campos são relativamente difusos. Existem dois fatores que favorecem essa relação de materiais em uma estação e em outra, não: o primeiro é a duração da ocupação em determinado acampamento; a segunda, a frequência com que ocorrem as limpezas nesses acampamentos.

Assim, existe uma relação proporcional que liga diretamente o tempo de estadia e ocupação em determinado local e o acúmulo de dejetos. Como existe essa especificidade entre as estações demarcadas, durante o período de maior mobilidade, os rejeitos produzidos são de menor tamanho e as pilhas acumuladas durante a estação das chuvas são menores e menos notáveis.

O substrato orgânico acumulado durante as atividades cotidianas torna-se muito mais que um despejo, algo puramente indesejado. Na verdade, esse sedimento, processado ou não, adquire um valor sócio-temporal que será colhido alguns anos no futuro. Esse substrato serve como fomento para uma nova geração de plantas. Sementes que irão brotar, graças ao acúmulo dos alimentos preferenciais jogados pelos locais de passagem, formarão a nova camada vegetativa quando toda aquela área, momentaneamente ocupada, for abandonada.

Os Nukak, nesse sentido, levando em consideração o consumo e a produção de bens para sua vida, como também suas múltiplas estratégias de manejo e domínio ambiental, coabitam com a floresta tropical e, ao invés de degradar, aumentam sua produtividade. Através de um modo de habitação bem característico, contribuem para a formação de uma nova mata.

Os descartes constantes e a alta mobilidade favorecem o surgimento de plantas específicas, com frequência aquelas de maior uso. Isso pode servir como um fundamento prático que cria o que Balée (1994) chama de florestas culturais, que são aquelas composições vegetativas, geralmente matas secundárias em que, através das práticas cotidianas, as pessoas alteraram a composição das florestas ao seu redor, incluindo os seres vivos nelas.

Assim, fica claro que ao realizarem o processamento e o consumo de determinados alimentos, o solo do local habitado fica repleto de detritos que influenciam a aparição das plantas consumidas. Com o processamento, favorecem o desenvolvimento das sementes, ao se estabelecerem em determinados locais e cortarem as árvores maiores. Incentivam a entrada de luz solar, como também enriquecem o solo de nutrientes orgânicos que servem como fertilizante natural. Ainda podemos afirmar que as principais áreas de atividade nos acampamentos são as áreas ao redor dos lares, onde as redes são penduradas, ao redor dos locais de habitação. Isso é de suma importância para os argumentos vindouros.

Existe assim o que Binford (1981) compreende como sendo uma área de maior afetação, *economic zonation*. Pode ser mais bem entendida como uma área de atuação em que existe uma influência humana maior, sendo compreendida nas imediações do acampamento. Como o autor mesmo descreve:

We can begin to think of zonation in terms of the immediate surroundings of the camp, which are generally quickly overexploited and therefore may provide very little in the way of foods except, of course, in the event there is a highly aggregated, renewable resource near the site. [...] This is the zone which is exploited by task groups who stay away from the residential camp at least one night before returning. In many cases groups may remain away from residential camps for considerable periods of time (BINFORD, 1981, p. 7).

Essa é uma representatividade de uma área que compõe as constâncias diárias de habitação, de usos e de movimento, onde são construídas as possibilidades do viver. É carregada pelos usos das atividades do dia a dia e, após determinado período, é abandonada, deixando para trás os rastros de usos e relegando ao futuro a possibilidade de uma nova área florestal.

Levando essa conceituação para o exemplo etnográfico Nukak, essa “zonificação econômica” é a área representativa do local onde temporariamente eles estão habitando. Todavia, esse local é constantemente abandonado quando se compreende que já não é mais um local positivo para a habitação, ou porque os recursos estão localizados em locais muito distantes, ou porque a própria dinâmica do viver proporciona esse deslocamento.

Contudo, damos enfoque aqui no que se desenvolve a partir do que fica. Como Politis (1999) e Cabrera, Calvo e Mahecha (1999) percebem, dentro dessa zona habitada, nas áreas de ocupação mais antigas, acampamentos abandonados onde os Nukak se estabeleceram por um determinado período de tempo, encontram-se palmeiras como “*seje*”, “*platanillo*” e as árvores “*poperea*” e “*guaná*”, que estão em concentrações incomuns. Nesse sentido, são plantas hiperdominantes, em toda a floresta tropical, plantas que possuem uma concentração para além das demais nos locais onde os mesmos estavam e que, coincidentemente ou não, são usadas em seu dia a dia:

When the Nukak abandon their camps, the ground is left covered with large amounts of seeds of fruits consumed during occupation. This high concentration of seeds places some species in an advantageous situation in a tropical rainforest environment, which is typically highly competitive for sunlight and nutrients (POLITIS, 1999, p. 110).

Esse mecanismo de constantes mudanças, oriundo de um modelo de organização social, certamente culminou com a intensificação do manejo. O uso e consumo de plantas oriundas da floresta ao redor provocaram alterações e a construção de novas florestas, que modificaram o ambiente, bem como alteraram o horizonte habitual. Viver, nesse sentido, é retornar a antigos caminhos e habitações, é um passado presente, uma vida que retorna ao que já foi.

Conforme tratado acima, o que defendemos aqui é que povos amazônicos, como os Nukak, manejaram os recursos florestais conforme suas próprias maneiras de habitar, modificando o ambiente, compreendido como natural de maneiras sutis e persistentes, ou ainda de formas mais intensas². Como argumentam Levis *et al.* (2017, 2018), as florestas domesticadas são reconhecidas pelas constantes presenças de fragmentos de utensílios, ferramentas e outros víveres que os grupos indígenas deixaram, além dos recursos florestais dominantes, como uma ou algumas espécies úteis favorecidas por atividades humanas de longo prazo. Construindo alterações persistentes, as paisagens antropomórficas através do manejo e cultivo de espécies úteis geraram mudanças fundamentais nos ecossistemas em escala local.

Assim há um envolvimento com a noção de habitar um território. Uma dinâmica de habitação que favorece a construção de novas paisagens. Nesse sentido, na maneira como percebemos a relação entre mobilidade e território, a terra ou o ambiente habitacional não podem ser definidos, nas palavras de Seeger e Viveiros de Castro (1979, p. 104-105), como um espaço homogêneo e neutro, mas como um mosaico de recursos.

Em relação a noção de habitação podemos recorrer a Ingold (2000), que argumenta que o mundo não é pré-montado para ser ocupado posteriormente pela vida. Na verdade, ele é percebido como um emaranhado de caminhos ou trilhas, como percebemos, ou linhas, como desenvolve o autor. Os caminhos são sempre (re)elaborados e construídos e, com isso, o processo de habitar o mundo é possível. Assim, a presença de qualquer ser neste mundo não é aquela de quem nele se adapta, mas de quem com ele se forma e se transforma.

Inicialmente, Ingold (1993) construiu um modelo de interação da pessoa em relação ao ambiente, que passava pelo que ele compreendia por perspectiva habitacional (*dwelling perspective*), uma forma de um fluxo de mútua influência ao qual a paisagem é constituída como um registro duradouro.

Assim, ela é testemunho das vidas e obras de gerações passadas que viveram, há algo de humano na formação dessa paisagem e há algo de “paisagístico” nesse processo de construção do humano. A ideia de uma perspectiva habitacional é vinculada à sua compreensão da paisagem, desenvolvida como sendo o mundo que é conhecido por aqueles que nele habitam que habitam seus lugares e percorrem os caminhos que se conectam.

Essa forma não é preparada antecipadamente, ou dada para as criaturas ocuparem, nem as formas corporais dessas criaturas são especificadas independentemente em sua composição genética. De tal modo que as particularidades encontradas e construídas só podem ser realizadas no e através do desdobramento do conjunto total das relações que atravessa a interface emergente entre a ação e a paisagem.

² Ver em: Lins *et al.* (2015) e Surrallés e Hierro (2015).

Essa perspectiva avança um pouco e o conceito de paisagem toma outro rumo. A perspectiva habitacional, segundo Ingold (2000, p. 153) trata da imersão do organismo-pessoa em um ambiente ou mundo da vida, como uma condição inescapável da existência. A partir disso, o mundo continuamente passa a existir em torno do habitante, e seus múltiplos constituintes adquirem significação através de sua incorporação em um padrão regular de atividade vital. Em grande medida, essa concepção de perspectiva da habitação é construída como um contraponto a uma perspectiva da construção (*building perspective*), que é um modelo de produção ao qual o trabalho construtivo é uma maneira de transcrever, sobre uma superfície, formas ideais preexistentes.

Posteriormente, em Ingold (2015), essa ideia de perspectiva habitacional (*dwelling perspective*) é complementada através da construção de um termo derivativo, o de habitar (*dwelling*), que nos é mais interessante aqui. Segundo o autor, o habitar:

Trata-se, literalmente, de iniciar um movimento ao longo de um caminho de vida. O percebedor-produtor é, portanto, um caminhante, e o modo de produção é ele mesmo uma trilha traçada ou um caminho seguido. Ao longo desses caminhos, vidas são vividas, habilidades desenvolvidas, observações feitas e entendimentos crescem (INGOLD, 2015, p. 38).

Podemos compreender que há um envolvimento pragmático completo da pessoa (percebedor-produtor) com o mundo e essa ligação é dada através do movimento. Ingold desloca a ideia de uma percepção de habitar para um envolvimento no habitar. Essa construção faz a diferença no que tange à ação do sujeito no mundo, pois uma é através do perceber, do sentir, do atuar e do construir, e a outra, através do ir com o mundo, do fluxo de transformações e do ato de se movimentar ao longo dos caminhos da vida.

Nessa dinâmica do habitar há na construção da vida, uma transformação do ambiente. Isso proporciona um conjunto de relações que não se limitam à interação entre pessoas, na verdade, o caso Nukak propicia perceber como há um conjunto de relação entre pessoas e ambiente que se dá não só na materialidade ligada ao consumo, mas também através da transformação das paisagens no tempo.

Esse é um tema que perpassa o debate em torno da domesticação das plantas, ou das florestas. Como objetivam Levis *et al.* (2018), de maneira direta ou indireta: “people interacted with natural ecological processes to transform pristine forests into domesticated forests with different degrees of human intervention through unintentional and intentional management practices.” (LEVIS *et al.*, 2018, p. 3).

As práticas de remover as plantas que não são úteis na floresta, tais como a abertura do dossel, limpeza do sub-bosque, capina e corte de lianas, são utilizadas para beneficiar seletivamente espécies úteis ou aumentar sua taxa de crescimento, reduzindo a competição de plantas não úteis ao redor das plantas usadas. Como defende Balée (1994), a atuação humana fomenta várias possibilidades que impelem o crescimento de novas plantas.

Sobre essa temática, Levis *et al.* (2018) percebem que existem algumas práticas realizadas que fornecem alguns modelos de interação com processos ecológicos, como a alteração na disponibilidade de luz, que adentra determinadas áreas da floresta que outrora eram dominadas por um denso dossel representativo das

grandes árvores, ou através da agricultura de corte e queima, atividades oriundas da ocupação temporária de algum sítio.

Outra estratégia bastante comum, é limpar determinada áreas, em especial retirar plantas que não possuem uma usabilidade direta no cotidiano das pessoas. Isso permite a abertura do dossel e conseqüente entrada de raios solares, o que permite que outras plantas germinem. Essa estratégia está presente nos atos de limpar as áreas imediatas ao local de habitação, nos atos constantes de capinar, no corte das trepadeiras e na remoção de indivíduos improdutivos de espécies úteis.

Essas atividades são regularmente executadas para beneficiarem, seletivamente, determinadas espécies socialmente úteis, reduzindo os custos da concorrência em seu habitat. Espera-se, assim, que aumentem o desempenho das plantas úteis selecionadas para permanecerem.

Levis *et al.* (2018, p. 4) propõem que um processo natural de dispersão de sementes pode ser aprimorado pelas constantes intervenções humanas. Como exemplo, o ato de deixar determinadas frutas nas árvores, para que os animais possam se alimentar nas suas respectivas áreas habitadas, e assim propagarem as sementes ou, ainda, cultivando espécies de sementes que geram grandes frutos para atrair caça. Essas práticas, segundo os autores, são comuns em comunidades tradicionais da Amazônia.

Assim sendo podemos perceber que há um processo de ligação ora com um passado, ora com um andar meticuloso, que proporciona aos humanos o desenvolvimento e a propagação de seus valores socialmente organizativos, como também com modos de se relacionarem a várias formas de vida e de habitar. Dada à reprodução das coletividades, dos processos de acumulação e das mudanças, esse manejo é construído. Quando as pessoas decidem sair de um local a outro, não é somente os utensílios e materiais que levam consigo, mas também uma floresta em que vivem. Com isso, aquele abrigo necessário para o viver se propaga no tempo, envolvendo uma série infindável de agentes.

3 Considerações Finais

Percebemos como as práticas significativas oriundas de atividades cotidianas, como o descarte de resíduos podem gerar uma contribuição ímpar para a formação de novas estruturas vegetais e como isso contribui para uma constante que proporciona o habitar. Assim sendo, podemos afirmar que há uma contínua atividade humana que corrobora com as modificações em determinados setores dentro das suas florestas, ou seja, viver neste sentido toma o papel de atuar no ambiente de maneira a produzir a vida e modificar o seu entorno mantendo um ciclo de autoprodução. Os locais de habitação são sempre reconstruídos e atualizados através dos movimentos cotidianos.

Talvez, através do modo de vida Nukak como as múltiplas relações entre os determinados grupos ameríndios e determinadas plantas, principalmente no que tange às atividades relacionadas ao viver, podem ser pensadas através de outras concepções que não a de domesticação ou ao puro consumo. Percebe-se a partir disso é que um modelo de habitação específico deixa rastros históricos que podem ser percebidos e com isso serem usufruídos, no contexto social em destaque há uma perfeita compreensão de que em um passado, dado as próprias práticas cotidianas isso contribui para a maneira e as possibilidades de viver nos períodos atuais.

Além disso, os descartes constantes favorecem o surgimento de plantas específicas, aquelas de maior uso, em consonância com a alta mobilidade residencial praticada no interior da floresta. Podem servir como um fundamento prático que cria o que Balée (1994) chama de florestas culturais, que são aquelas composições vegetativas, geralmente matas secundárias, em que, através das práticas cotidianas, as pessoas alteraram a composição das florestas ao seu redor, incluindo os seres vivos nelas.

As transformações existentes nas paisagens são acarretadas pelas ações humanas no espaço e no tempo. Gerações podem se entrelaçar, sem mesmo se conhecerem. Mas se existe algo deliberado é, sem dúvidas, a interação humana para com o ambiente e, neste sentido, a coabitação de seres pode ser um mecanismo possível para a transformação naqueles que estão envolvidos nessas relações.

Assim seguimos nosso caminho, o que podemos perceber ao final é que existe uma série de valores e instâncias que são e estão constantemente sendo movimentados junto com as pessoas. Habitar também pode ser compreendido como movimentar, andar também pode ser percebido com aprender, manejar também pode ser abrangido como transformar.

Referências

- BALÉE, William. *Cultural Forests of the Amazon: a historical ecology of people and their landscapes*. The University of Alabama Press. Tuscaloosa, 2013.
- BALÉE, William. *Footprints of the forest*. New York: Columbia University Press, 1994.
- BINFORD, Lewis R. The archaeology of place. *Journal of Anthropological Archaeology*, London, v. 1, n. 1, p. 5-31, 1981.
- CABRERA BECERRA, Gabriel; CALVO, Carlos Franky; MAHECHA, Dany. *Los nukak: nómadas de la Amazonía colombiana*. Santafé de Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, Fundación Gaia Amazonas, 1999.
- CLEMENT, Charles R. 1492 and the loss of Amazonian crop genetic resources. I. The relation between domestication and human population decline. *Economic Botany*, New York, v. 53, n. 2, p. 188-202, 1999a.
- DESCOLA, Philippe. Ecologia e cosmologia. In: CASTRO, Edna; PÍNTON, Florence (org.). *Faces do trópico úmido*. Belém: Cejup, 1997.
- INGOLD, Tim. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis: Vozes, 2015.
- INGOLD, Tim. *The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill*. Londres: Routledge, 2000.
- INGOLD, Tim. The temporality of the landscape. *World Archaeology*, Abingdon, v. 25, n. 2, p. 152-174, Oct. 1993.
- LEVIS, Carolina et al. How people domesticated Amazonian forests. *Frontiers in Ecology and Evolution*, Laussane, v. 5, n. 171, 2018.
- LINS, Juliana et al. Pre-Columbian floristic legacies in modern homegardens of Central Amazonia. *Plos One*, San Francisco, v. 10, n. 6, e0127067, 2015.
- MAHECHA RUBIO, Dany et al. *Los Nukak: um mundo nomada que se extingue*. Santafé, Bogotá: Coama, 1998. Documento de Trabajo, n. 6.
- ORGANIZACIÓN NACIONAL INDÍGENA DE COLÔMBIA. **Pueblos indígenas de Colombia**. Disponível em: <https://www.onic.org.co/pueblos>. Acesso em: 22 fev. 2022.
- POLITIS, Gustavo G. Moving to produce: Nukak mobility and settlement patterns in: Amazonia. *World Archaeology*, Abingdon, v. 27, n. 3, p. 492-511, 1996.

POLITIS, Gustavo G. *Nukak: ethnoarchaeology of an Amazonian people*. California: Left Coast Press Inc., 2007.

POLITIS, Gustavo G. Plant exploitation among the Nukak hunter-gatherers of Amazonia: between ecology and ideology. In: GOSDEN, C.; HATHER, J. (ed.). *The prehistory of food: appetites for change*. London: Routledge, 1999. p. 99-126.

SEEGER, Anthony; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo B. Terras e territórios indígenas no Brasil. In: SILVEIRA, E. (ed.). *Encontro com a Civilização Brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. p. 109-109.

STEEGE, Hans ter *et al.* Hyperdominance in the Amazonian tree flora. *Science*, Washington, n. 342, e1243092, 2013.

SURRALLÉS, Alexandre; HIERRO, Pedro García (org.). *The land within: indigenous territory and the perception of the environment*. Copenhagen: Iwgia, 2015.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo B. A natureza em pessoa: sobre outras práticas de conhecimento. In: ENCONTRO "VISÕES DO RIO BABEL: CONVERSAS SOBRE O FUTURO DA BACIA DO RIO NEGRO", 2007, Manaus. *Anais [...]*. Manaus: Instituto Socioambiental e a Fundação Vitória Amazônica, 2007.

*Minicurrículo do Autor:

Raphael Gouvêa Rompinelli. Mestre em Ciências Sociais pela Universidade de Juiz de Fora (2020). Professor Coordenador Geral da Escola Estadual Sebastião Silva Coutinho (Leopoldina, MG). E-mail: raphaelg.rompinelli@gmail.com.